

Ameaça Nuclear, Biológica, Química e Radiológica no Oriente Médio: situação atual

Dr Ahmed S. Hashim, Professor Associado do International Centre for Political Violence and Terrorism Research da Rajaratnam School of International Studies (Singapura), na compreensão de uma situação febril

Histórico

Desde o início dos anos 50, pouco tempo depois da independência das ex-colônias, os países do Oriente Médio têm experimentado numerosos conflitos entre eles e com países de fora dessa região. Assim, não é surpresa que a região foi classificada como uma das mais consistentemente instáveis do mundo.

Em primeiro lugar, inimizades profundamente arraigadas e rivalidades duradouras entre vizinhos garantiram que os esforços para estabelecer um sistema de segurança regional, para mitigar e resolver as diferenças, não surtisse o resultado esperado. Nações têm depositado a sua confiança na aquisição de grandes quantidades de armamento convencional e não convencional.

Em segundo lugar, na ausência de um sistema de segurança regional funcionando, as nações do Oriente Médio, muitas vezes, diante de um conflito, responderam acumulando armas - incluindo tanto armas convencionais quanto armas nucleares, químicas e biológicas.

Em terceiro lugar, a derrota do Iraque em duas guerras convencionais com uso de alta tecnologia pelos EUA e seus aliados, em 1991 e 2003, apenas destacou a superioridade incontestável do poderio bélico convencional americano. Muito tem sido escrito sobre isso, com preocupação considerável tanto por parte dos aliados dos americanos, que temem estarem ultrapassados demais tecnologicamente para contribuir com os EUA na guerra de coalizão, quanto por inimigos em potencial, com receio de sentirem o mesmo peso dessa superioridade bélica convencional dos EUA. Essa situação tem contribuído para a aquisição de uma grande variedade de armas de destruição em massa (ADM) – utilizando agentes químicos, biológicos ou nucleares – por países da região, com a finalidade de enfrentar países mais

poderosos. Em relação a essas armas, não podemos misturar as coisas. Armas nucleares continuam a ser o padrão de excelência e, não surpreendentemente, impedir a proliferação para algum país além do único país do Oriente Médio que as possui, Israel, provocou um esforço considerável por parte da comunidade internacional.

Em quarto lugar, a ascensão de poderosas entidades não governamentais no Oriente Médio com ideologias religiosas rígidas e implacáveis tem sido uma fonte de preocupação, porque estes grupos, especificamente Al-Qaeda e o Estado Islâmico (EI) tem, por suas declarações e ações, a intenção de adquirir AMD. As capacidades de tais entidades não governamentais são de primitivas a inexistentes. No entanto, é exatamente por este motivo que um número de analistas tem sugerido que, enquanto o mundo deve prestar muita atenção às atividades dessas entidades, nós não devemos exagerar excessivamente a ameaça que eles representam.

Armas químicas

De todas as chamadas ADM, as armas químicas são as que por mais tempo estiveram presentes na região e as únicas que têm sido efetivamente empregadas. Os britânicos consideraram a possibilidade de usá-las contra as forças turco-otomanas em Gallipoli, em 1915, a fim de quebrar o impasse terrível nessa frente. Depois de muitas discussões, eles decidiram que os custos não valiam os benefícios. O consenso é que o Egito foi o pioneiro no desenvolvimento de um arsenal de armas químicas na região. O Egito usou armas químicas contra tribos do lêmén durante a guerra civil iemenita do início dos anos 1960, o que colocou Monarquistas, apoiados pela Arábia Saudita, uns contra os outros e colocou o ocidente contra os republicanos apoiados pelo Egito e pelo bloco soviético. O Egito também é suspeito de iniciar a proliferação de armas químicas na Síria no início de 1979, o que posteriormente resultou no desenvolvimento na Síria do maior arsenal de armas químicas do Oriente Médio na década de 1980. O mais amplo uso de armas químicas da região veio com a sangrenta guerra Irã-Iraque no período de 1980-1988. Duramente pressionadas, as forças armadas iraquianas usaram uma variedade de armas químicas para revidar assaltos em massa de infantaria inimiga composta por iranianos altamente motivados e voluntários. Embora as baixas causadas pelas armas químicas tenham sido uma parcela dos vastos prejuízos que o Irã sofreu em termos de mortos e feridos, elas diminuíram as ofensivas iranianas, causaram pânico em massa no campo de batalha entre os mal equipados e mal treinados voluntários iranianos e consideráveis problemas emocionais. O Iraque também usou armas químicas ostensivamente em civis curdos, em Halabja, em 1988, para ensinar-lhes uma lição por terem traído o Iraque durante a guerra com o Irã. O Iraque ficou difamado internacionalmente, mas pouca coisa foi feita sobre o seu arsenal de AMD até o início da crise do Golfo, de 1990-1991, quando Saddam Hussein invadiu o Kuwait.

As armas químicas deixaram de ser o foco da atenção depois da destruição do arsenal Iraquiano. Estados regionais e a comunidade internacional voltaram seu foco para proliferação de armas nucleares, particularmente, a crescente divergência entre a Comunidade internacional e a República Islâmica do Irã sobre programa de armas nucleares. Após a invasão americana do Iraque, uma rebelião iniciou-se no país. Temia-se que os rebeldes pudessem por as suas mãos no já deteriorado arsenal de armas químicas iraquianas e tentar usá-las em ataques contra civis e contra as forças da coalizão. De fato, alguns rebeldes conseguiram detonar bombas com agentes químicos desconhecidos em algumas ocasiões.

Somente com a guerra civil síria, que eclodiu em 2011, e que ainda está em curso, que as armas químicas passaram a receber atenção novamente. Em 2013, um ataque químico nos arredores de Damasco quase provocou a intervenção dos EUA na guerra civil síria e, finalmente, fez com que a Síria aderisse à Chemical Weapons Convention¹ (CWC). Surgiu um clamor para o estabelecimento de uma zona livre de armas químicas. Enquanto uma resposta aos esforços para destruir o arsenal de armas químicas da Síria não era ouvida entre os estados regionais, por causa da negação síria de uso dessas armas contra civis e o número de potências que se colocavam contra o regime de Bashar al-Assad, muitos na região viram esse repúdio do ocidente às armas químicas como hipocrisia. Muito pelo contrário, pois isto foi visto na verdade como um esforço para tirar da Síria uma parte do seu poder de dissuasão contra o seu rival Israel.



©DoD

Tendo destruído as forças das nações aliadas, então precisava construí-las novamente

¹ https://en.wikipedia.org/wiki/Chemical_Weapons_Convention

<https://www.opcw.org/chemical-weapons-convention/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Convenção_sobre_as_Armas_Químicas

Convenção sobre a Proibição do Desenvolvimento, Produção, Armazenagem e Utilização de Armas Químicas e sobre sua Destruição.

Além disso, no que diz respeito aos países árabes, particularmente o Egito, o importante é livrar a região de todas as ADM – sejam elas armas nucleares, químicas ou biológicas. Os governantes dos países árabes acreditam que a segurança da região não será alcançada ao se estabelecer uma zona livre de armas químicas, enquanto Israel mantiver armas nucleares. Agora que Damasco passou a ser signatário da CWC, Israel e Egito são os únicos estados na região não signatários da CWC. No entanto, a Unidade 450², que é responsável pelo arsenal de armas químicas, supostamente tem gasto muito do seu tempo escondendo grande parte das armas químicas que ainda restam no país. O Egito ficaria feliz em ratificar a CWC - se isso significasse livrar a região de todas as ADM. Os egípcios vêem pouco ganho no estabelecimento de uma zona livre de armas químicas, mas que não é livre armas nucleares.

Armas nucleares

As armas nucleares constituem o último dissuasor e Israel é o único país da região que as possui. Seus veementes esforços para impedir que os demais países árabes e o Irã passem a tê-la também não tem nada a ver com o seu temor que os chamados governantes irracionais possam usar essas armas contra Israel. Pelo contrário, isto ocorre porque o monopólio israelense seria violado e a liberdade estratégica de ação que Israel possui na região seria severamente limitada. Da mesma forma, os EUA, que tem interesses estratégicos consideráveis no Oriente Médio, tem sido inflexível nos seus esforços para bloquear a proliferação de armas nucleares na região.

O Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP)³ é um tratado mais para controle de armas do que uma convenção sobre desarmamento. As convenções sobre armas químicas e biológicas exigem que as nações destruam seus estoques, pouco depois de terem se tornado signatários destas, mas o TNP não faz tais exigências dos Estados com armas nucleares. Este tem sido um ponto de discórdia entre as potências nucleares e as não nucleares. No Oriente Médio, especificamente, o problema principal com os tratados é que Israel - um Estado com armas nucleares – não é signatário do TNP. Como Israel construiu suas armas nucleares sem ser signatário do TNP, não pode ser considerado que o violou. O fato de Israel possuir armas nucleares tem decepcionado e alarmado seus vizinhos que não estão confortáveis com este monopólio bélico nuclear na região. Israel tem argumentado que, enquanto a sua legitimidade estiver em questão e a maioria dos

² <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/regime-sirio-espalha-arsenal-quimico-pelo-pais-diz-jornal/>
Unidade de elite do Exército Sírio que administra o programa sírio de armas químicas

³ https://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Não_Proliferação_de_Armas_Nucleares

países da região não aceitar a sua existência, ele não estará disposta a discutir sobre suas armas nucleares.

Uma vez que o regime de tratados falhou até agora para livrar o Oriente Médio de armas nucleares, as partes interessadas têm envidado esforços com uma abordagem diferente sobre desarmamento – clamando pelo estabelecimento de uma zona livre de armas nucleares. Desde 1974, o Irã e Egito têm regularmente apoiado resoluções da ONU que abordassem esse tema. Em 1995, mais significativamente, em uma conferência dos estados parte do TNP para uma revisão do referido tratado, na qual ficou definido que o tratado seria estendido indefinidamente, clamaram pelo estabelecimento de uma zona livre de armas nucleares.

Esse clamor foi reiterado na conferência dos estados parte do TNP para uma revisão do referido tratado de 2010. Nessa ocasião, medidas de ordem prática para o estabelecimento de zona livre de armas nucleares foram identificadas. Mas, o apoio da ONU para convocar uma conferência sobre este tema no final de 2012 foi suspenso, quando os EUA declararam que esta conferência não poderia ser convocada. Os motivos foram as condições de instabilidade na região - referindo-se à contínua crise nos países árabes - e também porque os países árabes não tinham chegado a um acordo sobre o assunto "armas nucleares" em condições aceitáveis, que foi uma referência ao fato dos países árabes só se concentrarem em discutir sobre posse de armas nucleares de Israel em detrimento de outras questões que envolvem o assunto. Nem os EUA nem Israel queriam que o fato de Israel ser o único país com armas nucleares no Oriente Médio fosse o centro das discussões em uma conferência sobre a criação de uma zona livre de armas nucleares na região. No entanto, após a destruição do arsenal de ADM do Iraque, que havia sido imposta internacionalmente, incluindo as suas não tão eficientes armas nucleares (o que, em última análise, fazia do Iraque a segunda maior potência nuclear do Oriente Médio), as atenções voltaram-se para o Irã. A partir de meados dos anos 1990 até a realização de um acordo nuclear com Teerã em julho de 2015, tanto a comunidade internacional quanto as potências regionais estavam preocupadas que os líderes da República Islâmica do Irã (Islamic Republic of Iran - IRI) estivessem determinados a construir armas nucleares. Esta preocupação se deu apesar das vãs declarações que armas nucleares eram imorais e que adquiri-las não era parte da doutrina de defesa do Irã. Porém, esses países tinham razão para se preocupar.

Em primeiro lugar, o Irã já tinha sido alvo de ADM. Embora as armas químicas não estejam no mesmo nível das armas nucleares, o mundo ainda se lembrava da declaração dos líderes iranianos após a guerra Irã-Iraque que dizia que "o IRI deveria armar-se com ADM" e que não adiantaria tentar assegurar ao mundo depois que o Irã queria apenas um uso pacífico da energia nuclear. Em segundo lugar, o Irã é uma potência regional concorrente de Israel, cuja legitimidade o Irã despreza, juntamente com os demais países árabes e a



Turquia. Já que a sua ideologia revolucionária islâmica não foi suficiente para promover o Irã como a mais importante potência muçulmana, a adição de um arsenal nuclear faria com que os países do Oriente Médio lhe dessem a devida atenção.

Um distante e nuclear Paquistão era demasiado pobre, na verdade, um estado potencialmente falido, e muito envolvido em seu conflito com a Índia, para ser uma peça chave na política do Oriente Médio. Um Irã nuclear seria capaz de definir os parâmetros do conflito entre os países árabes e Israel para inquietação desta e desgosto dos cada vez mais impotentes países árabes. Finalmente, um Irã com armas nucleares seria capaz de deter a mais poderosa ameaça à sua segurança nacional e à existência da sua república islâmica, ou seja, os EUA. Estaria em mãos iranianas o fim do enorme abismo bélico que separa o Irã dos EUA?

Ao longo dos anos, revelações sobre a infraestrutura nuclear do Irã vieram acompanhadas do aparecimento de um eleitorado pró-nuclear poderoso entre os seus eleitores conservadores mais linha-dura, de um crescente estabelecimento da segurança nacional, e pessoas mais qualificadas na Guarda Islâmica Revolucionária. A criação rápida e impressionante no Irã de uma infraestrutura científica e tecnológica também chamou a atenção do mundo. Sem grandes surpresas, os países do Oriente Médio e a comunidade internacional observavam e tomavam conhecimento sobre o assunto. Israel, por sua vez, regularmente ameaçava lançar um ataque aéreo contra as diversas instalações bélicas iranianas. A maioria dos observadores duvidava que Israel sozinho pudesse fazer o trabalho; o Irã tinha múltiplas e bem defendidas instalações. Não seria um ataque contra uma única instalação, como ocorreu quando os israelenses destruíram o reator nuclear iraquiano em Osirak em 1981. Além disso, o Irã estava em melhores condições de retaliar um ataque israelense do que o Iraque, uma vez que possuía um grande arsenal de mísseis balísticos e ligações por todo Oriente Médio com grupos pró-iranianos e anti-israelenses que poderiam atingir Israel.

O consenso era de que apenas os EUA seriam capazes de destruir a infraestrutura nuclear iraniana; mas isso teria um grande custo político, geopolítico e econômico. Além disso, os EUA estavam preocupados com as suas aparentemente intermináveis guerras no Iraque e no Afeganistão; por volta de 2010, essas guerras americanas tinham chegado a um estado de grande desgaste. Isso não impediu o Congresso americano de tomar uma posição cada vez mais radical em relação ao Irã, espelhando-se no Primeiro Ministro israelense Benjamin Netanyahu. No próprio EUA, os órgãos da administração e militares aconselharam cautela no tocante a uma solução militar para a questão nuclear iraniana, enquanto em Israel os órgãos militares e de inteligência não concordavam com o seu Primeiro Ministro. O mundo árabe foi ficando tão seriamente desconfiado quanto Israel com relação às reais intenções do programa nuclear iraniano. Isso estava relacionado diretamente à ascensão da rivalidade entre os países árabes-Irã que, de certa forma, parecia ter

ofuscado a rivalidade países árabes-Israel e, especificamente, o conflito Israel-Palestina. O papel do Irã no Iraque, seu crescente apoio aos árabes Xiitas⁴ no Bahrein, Iêmen e na província oriental da Arábia Saudita tem causado alarme. Da mesma forma, o seu apoio ao presidente Assad na Síria tem enfurecido o mundo árabe. Arábia Saudita e Egito deixaram claro que, ao mesmo tempo em que eles preferem um Oriente Médio não nuclear, eles tomariam medidas para protegerem-se, caso o Irã obtivesse armas nucleares. Este era um código de boa conduta para desenvolver armas nucleares. Questionou-se, porém, se o Egito, que estava passando por enorme crise e abalado por problemas econômicos, possuiria os meios para desenvolver uma infraestrutura nuclear mais sofisticada.

O ponto de interrogação era a Arábia Saudita. Aterrorizada pelo Irã e seu poder, apesar do seu investimento maciço em armamento convencional ao longo da última década, a elite política de Riyadh⁵ deixou claro que a aquisição de armas nucleares pelo Irã iria provocar uma resposta enérgica por parte da Arábia Saudita. Se a Arábia Saudita tivesse que se mexer para adquirir armas nucleares à custa de prejudicar a sua relação com seu patrono, os EUA, seria uma questão política nebulosa. A outra questão era técnica: como a Arábia Saudita iria adquirir armas nucleares? Houve uma tendência em depreciar a capacidade tecnológica da Arábia Saudita para desenvolver um programa nuclear. Nas palavras do comentarista político americano Farid Zakaria, em uma crônica depreciativa, afirmou que “a Arábia Saudita é um país incapaz de desenvolver automóveis”.

A crônica de Zakaria foi questionada por outro comentarista político que escreveu que desenvolver carros não é um pré-requisito para desenvolver armas nucleares. A Coreia do Norte não desenvolve muita coisa, é menos capaz ainda de desenvolver automóveis, no entanto é uma potência nuclear. Em todo caso, a Arábia Saudita está entrando no ramo de desenvolvimento de carros. Muitos observadores fizeram uma projeção que haveria a aquisição de um grande número de dispositivos nucleares pelo Paquistão, país com o qual a Arábia Saudita tem mantido estreito relacionamento por anos. Não há dúvida de que as nações ajudaram-se mutuamente no caminho do desenvolvimento nuclear no passado: os EUA ajudaram a Grã-Bretanha e a França (apesar da insistência de Paris para que a bomba francesa fosse desenvolvida de forma totalmente independente). A União Soviética ajudou a China, a França ajudou Israel e Israel ajudou a África do Sul. Paquistão supostamente ajudou a Coreia do Norte e o Irã, por meio de uma parceria abominável. Nenhum país fez a transferência total da sua tecnologia para outro. Pode até não ser transferida

⁴ https://en.wikipedia.org/wiki/Shia_Muslims_in_the_Arab_world
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Xiismo>

⁵ <https://en.wikipedia.org/wiki/Riyadh>
Riyadh é a capital e a maior cidade da Arábia Saudita.

a tecnologia completa, mas isso não constitui um impedimento para que seja alcançada essa tecnologia. É claro que isso não significa que uma potência nuclear possa não fazer isso (transferir a tecnologia completa), mas a maioria dos observadores desconsidera essa possibilidade para o Paquistão, devido ao impacto político potencialmente negativo.

A preocupação regional e internacional quanto ao programa de desenvolvimento nuclear iraniano também provocou uma participação mais ativa da Europa e da ONU nessa questão. Isto foi particularmente evidente após as revelações de atividades de enriquecimento de Urânio na cidade iraniana de Natanz⁶. Deu-se início a uma série de negociações aparentemente infrutíferas entre o Irã e o chamado P5+1⁷ (os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU mais a Alemanha), buscando-se chegar a um acordo sobre o que o Irã poderia ou não fazer com a sua crescente infraestrutura nuclear. A distância entre os dois lados era enorme e ficou mais acentuada por diferenças internas do P5, entre os membros mais radicais e aqueles dispostos a serem mais flexíveis com o Irã. Para o próprio Irã, o programa nuclear tornou-se uma questão importante de debate entre conservadores / linha dura de um lado e entre reformistas / moderados do outro.

A eleição do despenteado populista linha-dura Mahmoud Ahmadinejad à presidência do Irã agravou enormemente a situação. Famoso por suas incomuns ações e declarações beligerantes e ofensivas, Ahmadinejad declarou que o programa nuclear do Irã era imparável. Atitudes grotescas do Irã somadas à consolidação da linha dura no poder contribuíram para a imposição de sanções ao país pela ONU e pelo Ocidente. Essas sanções mostraram-se extremamente dolorosas e começaram a prejudicar o modo de vida da população. Embora a grande maioria dos iranianos fosse inflexível sobre resistir a uma humilhação, as pessoas começaram a se perguntar se o "direito à enriquecer" valia os custos econômicos sofridos. O governo iraniano começou a se preocupar com a estabilidade interna, enquanto a população começou a falar sobre a instabilidade de um regime teocrático governando uma sociedade cada vez mais antirreligiosa. Empresas e cidadãos iranianos dolorosamente assistiram aos danos econômicos causados em seu país pelas sanções impostas graças a eleição do Presidente Hassan Rohani. Os iranianos estavam interessados mesmo na reintegração do seu país à economia global, na revitalização da economia de seu país e na sua própria situação econômica.

Para a surpresa de muitos, um acordo foi finalmente assinado entre o Irã e o P5+1 em julho de 2015. O documento é altamente detalhado e complexo e constitui o mais intrusivo

⁶ https://en.wikipedia.org/wiki/Nuclear_facilities_in_Iran
<http://www.isisnucleariran.org/sites/detail/natanz/>
<http://www.nti.org/learn/facilities/170/>

⁷ <https://pt.wikipedia.org/wiki/P5%2B1>



Os EUA fizeram grandes esforços para tentar construir a capacidade de defesa NBQR na região

acordo de inspeção nuclear já assinado. Suspeita-se de que os EUA foi o grande responsável por isto. O acordo permite que inspetores internacionais visitem qualquer instalação no Irã que eles considerem como suspeita. Todas as fases do ciclo de produção do combustível nuclear iraniano serão firmemente monitoradas, assim como a sua cadeia de suprimentos. O acordo reduz a capacidade do país para enriquecer urânio em dois terços; de quase 20.000 centrífugas existentes, das quais apenas metade estava em operação, irão operar entre 6.000 e 6.500. O Irã tem que cortar seu arsenal de urânio "fraco" (levemente enriquecido⁸). Terá que diluir o restante do seu estoque de urânio ou vendê-lo para fora do país. Algumas instalações-chave como Fordow, uma instalação de enriquecimento de urânio construída sob uma montanha, será convertida em laboratórios de pesquisa de física abertas à inspeção internacional. Em Arak, o núcleo do reator⁹ de água pesada¹⁰ será removido, de modo que não seja mais possível produzir armas à base de plutônio.

Além disso, o Irã não será "autorizado" a construir um reator de água pesada pelos próximos 15 anos e será inteiramente responsável pelas dimensões das armas nucleares de seu programa nuclear, uma cláusula que os EUA insistiram. Particularmente irritante para

⁸ https://pt.wikipedia.org/wiki/Urânio_enriquecido

Urânio fracamente enriquecido, ou low-enriched uranium (LEU), tem menos de 20% de concentração de U-235. Urânio levemente enriquecido, ou medium-enriched uranium (MEU), tem menos de 93% e urânio altamente enriquecido, ou high-enriched uranium (HEU), tem mais de 93%.

⁹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Reator_nuclear

¹⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/Água_pesada

Água pesada, também chamada de água deuterada, é o óxido de deutério de fórmula D₂O ou ²H₂O.

muitos iranianos, moderados ou conservadores, é a cláusula que estabelece que o embargo de longa data sobre a venda de armas convencionais permanecerá em vigor por mais cinco anos e a proibição de tecnologias associadas à capacidade de mísseis balísticos permanecerá em vigor por mais oito anos.

Os iranianos acreditam que estas limitações impostas destinam-se a manter o país fraco e vulnerável, enquanto muitos de seus vizinhos seguem em frente com compras convencionais - e eles estão certos. O acordo estipula que, caso o Irã viole alguma de suas obrigações, sanções serão novamente impostas. Se os inspetores internacionais suspeitarem de que o Irã está trapaceando, ou fizerem alguma denúncia, uma comissão irá trabalhar para resolver a questão. Se esta comissão vier a falhar, a questão será submetida ao Conselho de Segurança da ONU, que votará se será mantida a suspensão das sanções. Um voto de veto por um dos membros permanentes significaria o retorno das sanções.

Está claro que este acordo é uma tentativa das potências ocidentais de limitar os passos do Irã o máximo possível. No entanto, existem partidos e estados que manifestaram sua insatisfação quanto aos termos do acordo assinado com o Irã e que argumentaram que este acordo fará com que o Irã se torne uma potência nuclear em poucos anos. Israel começou a se preparar para hospedar congressistas dos EUA em visitas a Israel durante as quais se presume que o governo de Netanyahu irá bombardeá-los com "fatos" sobre quão ruim o acordo assinado com o Irã é para a segurança nacional de Israel. Muitos congressistas republicanos provarão ser um obstáculo, uma vez que já se convenceram de que nada aquém de uma rendição vergonhosa do Irã e o seu respectivo desarmamento será aceitável. O estabelecimento da segurança nacional de Israel fora do governo de Netanyahu e do Congresso dos EUA é mais racional e realista.

A reação dos países árabes não tem sido positiva e isso tem muito a ver com os seus problemas internos: lidar com o Estado Islâmico e sua violência niilista e a crescente divisão entre Sunitas e Xiitas agitando a região. Os países do Golfo, em particular, estão preocupados com que o acordo, que libera bilhões de dólares aos iranianos, permita ao Irã revitalizar a sua economia e ligações comerciais com muitos dos países com que eles já mantêm relações comerciais. O Irã vai estar novamente integrado à economia mundial e, no futuro, será capaz de revitalizar a sua infraestrutura nuclear. Para os árabes, esta é uma vitória para o Irã. No entanto, a capacidade árabe para desenvolver um programa nuclear, individual ou coletivamente, é improvável por razões tecnológicas, financeiras e

políticas. Se os árabes pensam que nem Israel nem o Ocidente irá prestar tanta atenção para esse esforço árabe, como eles prestaram para os iranianos, os árabes estão em vias de serem surpreendidos.

O Oriente Médio, certamente, continua a ser uma região volátil e instável. A sua trajetória rumo ao desenvolvimento de um programa nuclear é pouco provável para os próximos anos, não contando com Israel. A região é o lar de inúmeras entidades não governamentais que demonstraram interesse em possuir ADM. Ter intenção, é claro, não é o mesmo que ser capaz. Al Qaeda e seus associados/afiliados como a Jihad Islâmica egípcia, Jemaah Islamiya no sudeste da Ásia e Lashkar-e-tayyibah no sul da Ásia, têm estado na vanguarda em expressar a intenção e conduzir testes e esforços sistemáticos relacionados às armas NBQR.

Mais recentemente, o Estado Islâmico tem também expressado interesse em adquirir alguma forma de armamento não convencional. Em junho de 2014, o Estado Islâmico assumiu o controle do complexo químico Muthanna, da época de Saddam, no norte do Iraque. De acordo com Bagdá, o complexo continha 2.500 foguetes químicos carregados com o agente neurotóxico Sarin. No entanto, o Sarin estava velho, degradado e inútil como arma química. Munições de gás mostarda deste complexo também estavam degradadas, apesar dessa substância ter uma vida mais longa. Na esteira das notáveis vitórias do Estado Islâmico em 2014, houve alguma reação pela suposta apreensão do grupo de 40 kg de composto de urânio da Universidade de Mosul em julho de 2014.

O ponto importante dessa questão é que este composto de urânio supostamente apreendido seria de baixa concentração, necessitando, portanto, ser enriquecido para poder ser utilizado como armamento nuclear. Todos esses passos requerem instalações e conhecimento técnico que o Estado Islâmico simplesmente não tem, e levaria anos para adquirir. Da mesma forma, é exagerado temer que entidades não governamentais possam mover-se em direção ao desenvolvimento de armas biológicas. Uma entidade como o Estado Islâmico, se conseguisse consolidar o controle sobre um território e obtivesse a legitimidade para governar um povo, o que lhe concederia o status de país, eventualmente, seria capaz de atrair pessoas com capacidade técnica necessária e conhecimento. Porém, enquanto não houver capacidade técnica, as atividades de entidades não governamentais, particularmente do Estado Islâmico e dos seus rivais, arcarão com um controle rigoroso.

